



O contexto ecumênico de Medellín e o posicionamento católico sobre a unidade cristã na América Latina

The ecumenical context of Medellín and the Catholic position about Christian unity in Latin America

*Elias Wolff**

Recebido: 08/06/2018. Aprovado: 02/08/2018.

Resumo: *As Conclusões da Conferência de Medellín é o primeiro documento do episcopado católico latino-americano que insere o ecumenismo no agir pastoral da Igreja Católica no continente. Não dedica uma seção especial ao tema, mas o apresenta como um elemento transversal nas diversas temáticas abordadas. A Conferência foi, em si mesma, uma significativa experiência ecumênica pela presença dos representantes das Igrejas e a prática da hospitalidade eucarística na celebração de encerramento. Medellín foi uma real recepção das orientações conciliares sobre o aggiornamento da Igreja, para o qual o ecumenismo tem uma função fundamental em nossos tempos.*

Palavras chave: *Medellín. Igreja. Missão. Ecumenismo.*

Abstract: *The Conclusions of the Medellin Conference is the first document of the Latin American Catholic bishops who enter ecumenism in the pastoral action of the Catholic Church on the continent. It does not dedicate a special section to the theme, but it presents it as a transversal element in the various thematic topics covered. The conference was, in itself, a significant ecumenical experience for the presence of the representatives of the churches and the practice of Eucharistic Hospitality in the celebration of closure. Medellin was a*

* Doutorado em Teologia (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 2000). Mestrado em Teologia (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 1998). Mestre em Filosofia (Pontifícia Universidade Santa Cruz, Roma, 1999). Graduado em Teologia (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 1993). Foi professor do Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC) e da Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC), Florianópolis, 2001-2015. Foi professor na Faculdade de Filosofia da Fundação Educacional de Brusque (FEBE), 2001-2006. Foi assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil para o diálogo ecumênico e interreligioso, 2008-2014. E-mail: elias.wolff@pucpr.br





real reception of the conciliation guidelines on the aggiornamento of the church, for which Ecumenism has a fundamental function in our times.

Keywords: Medellín. Church. Mission. Ecumenism.

Introdução

Ao celebrar o quinquagésimo aniversário da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM), realizada nos dias 24 de agosto a 06 de setembro de 1968, em Medellín (Colômbia), é importante retomar o seu significado para a Igreja católica e a sua missão na América Latina. Aqui o faremos desde uma das perspectivas inovadoras dessa conferência, o ecumenismo. Diferente da conferência que deu origem ao CELAM, realizada no Rio de Janeiro em 1955, Medellín foi marcada pelo tom dialogal na relação com as diferentes Igrejas e religiões existentes no continente. Essa postura foi impulsionada pelo esforço de recepção criativa e contextualizada das orientações conciliares, e se fortaleceu por opções que, de um lado, abriram a Igreja para a sociedade e, por outro lado, ajudaram a Igreja a perceber que os desafios da evangelização exigem a cooperação com outras Igrejas, e também religiões, que se preocupam com as graves situações sociais dos povos latino-americanos. Mais que orientações doutrinárias, Medellín propõe uma *práxis* ecumênica com incidência nas estruturas sociais e eclesiais que precisam ser transformadas para possibilitar a “vida em abundância” (Jo 10,10) que Cristo quer para todas as pessoas. Medellín torna-se, assim, o ponto de partida das relações ecumênicas do catolicismo no continente, impulsionando o diálogo e a ação que promovem a unidade cristã em perspectiva libertadora.

1 Ecumenismo, uma opção tão difícil quanto necessária

Sabe-se que o ingresso da Igreja católica nos caminhos ecumênicos não foi uma decisão fácil e só aconteceu cinquenta anos depois da conferência missionária de Edimburgo, em 1910, considerado o marco inicial do movimento ecumênico moderno. Foi com o advento do Concílio Vaticano II (1962-1965) que o catolicismo abriu-se ao diálogo ecumênico e interreligioso, orientado por documentos como o Decreto *Unitatis redintegratio* e as Declarações *Nostra aetate* e *Dignitatis humanae*. Na América Latina, o primeiro evento ecumênico que contou



com a presença de católicos foi a reunião da Federação de Movimentos de Estudantes Cristãos (FUMEC), realizada em fins de 1954 e começos de 1955, em Cochabamba, Bolívia. Mas não se tratava ainda de uma presença oficial da Igreja católica do continente num espaço ecumênico, o que aconteceu com observadores católicos na Conferência Evangélica realizada em Buenos Aires, em 1969.

Conhecidas são as razões pelas quais os fiéis católicos não estavam integrados no movimento ecumênico antes da década de 60 do século XX. Destacamos: a postura proibitiva do magistério universal por documentos como a Encíclica *Mortalium Animos* (Pio XI, 06/01/1928) que ao se referir ao movimento ecumênico protestante afirmava categoricamente: “a Sé Apostólica não pode de modo algum participar das suas reuniões, e de nenhum modo podem os católicos aderir a tais tentativas ou lhes prestar ajuda”¹. Semelhante orientação dá continuidade ao que ensina a encíclica *Satis cognitum*, de Leão XIII (1896). Isso tem incidência em todos os âmbitos e instâncias da Igreja: no campo doutrinal, havia a afirmação exclusivista da *regula fidei* da doutrina católica, com a negação de qualquer traço de ortodoxia nas doutrinas protestantes; no horizonte pastoral, afirmavam-se projetos de combate a outras expressões de fé pela postura apologética conflitiva; no horizonte sociocultural, a tradição católica entendia que a história da evangelização na América Latina lhe sustentava uma posição de supremacia em relação a outros credos. Entende-se, com isso, porque no documento conclusivo da assembleia do Rio de Janeiro em nenhum momento aparece alguma aproximação com o ecumenismo. As preocupações *ad intra* como a falta de sacerdotes, a formação e as estratégias de evangelização, visavam também combater as Igrejas protestantes, vistas “como uma agressão a sua integridade católica e, por conseguinte, a encaram de maneira defensiva”².

¹ Pio XI. *Mortalium animos*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19280106_mortalium-animos.html>. Acesso em: 25 mai. 2018.

² MEJÍA, Jorge. El compromiso ecuménico de la Iglesia de América Latina en los documentos de Medellín. SECRETARIADO GENERAL DEL CELAM. *Medellín: Reflexiones en el CELAM*. Madrid: BAC, 1977. p. 247. Também: MÍGUEZ BONINO, José. Análisis de las relaciones del protestantismo con el catolicismo romano hasta 1960. Ensaio em honra ao Dr. Wilton M. Nelson”. In: *Lectura Teológica de América Latina*, Seminário Bíblico latino Americano, Costa Rica, novembro de 1979, p. 195.



2 O ecumenismo no contexto da Conferência de Medellín

Na Conferência de Medellín, o episcopado católico assume outra postura em relação às Igrejas e às religiões presentes no continente. Vários fatores contribuíram para isso. Em 1961, o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) realizou em Nova Delhi a sua III Assembleia Geral e nela estiveram, pela primeira vez, representantes da Igreja católica³; o Departamento de Fé e Constituição do CMI avançava no diálogo teológico realizando a sua IV Conferência Mundial em Montreal, nos dias 12 a 26 de julho de 1963⁴; crescia o ecumenismo espiritual com a Comunidade de Taizé (fundada por Roger Schutz, em 1940), o movimento dos Focolares (Chiara Lubich, 1944), o Mosteiro de Bose (Enzo Bianchi, 1963), entre outros; organizações ecumênicas fortaleciam as iniciativas de diálogo entre as Igrejas, com destaque para o Centro Istina (Paris, 1927) e o Centro Pro Unione (1967, Roma). Essas iniciativas eram sustentadas por uma teologia em perspectiva ecumênica desenvolvida por protestantes e católicos, como Yves Congar, Karl Rahner, Paul Tillich, Jürgen Moltmann, entre outros. Esses fatos impulsionavam o movimento ecumênico em âmbito mundial.

Na América Latina, a causa ecumênica nesse período era articulada, sobretudo, pelas Conferências Evangélicas Latino-Americanas (CELA). A primeira CELA foi realizada em Buenos Aires, em 1949, tratando do direito de as Igrejas evangélicas sentirem-se parte integrante da sociedade latino-americana⁵; a II CELA foi realizada em Lima, em 1961, com o tema “Cristo, a esperança para a América Latina”, com um caráter fortemente social, tratando da realidade humana no continente latino americano em perspectiva cristológica; a III CELA (Buenos Aires,

³ É importante observar que em 1959, o papa João XXIII havia anunciado a realização do Concílio Vaticano II e apresentou o ecumenismo como um de seus objetivos. Em 1960, foi criado o Secretariado para a Unidade dos Cristãos, para ajudar na preparação do Concílio. São fatos que explicam porque agora os católicos podem participar das iniciativas do movimento ecumênico, superando a proibição até então existente em documentos magisteriais como *Satis cognitum* e *Mortalium animos*, entre outros.

⁴ Nesse momento, os temas tratados eram “A Igreja no plano de Deus”, a relação entre “Escrituras, Tradição e tradições”, “A obra redentora de Cristo e o mistério da sua Igreja”, “O culto e a unicidade da Igreja de Cristo”, “Todos em cada lugar: o processo de crescer juntos”. FÉ E CONSTITUIÇÃO, “IV Conferência Mundial. Relatório”. In: *Enchiridion Oecumenicum*, vol. 6. Bolonha: EDB, 2005, p. 915-982.

⁵ PREMAZZI, Javier. *Reflexiones Sobre el Ecumenismo en America Latina*. Genebra: CMI, 1982.



1969) foi a que mais tratou de questões sociais. Em 1963, a comissão Igreja e Sociedade para a América Latina (ISAL)⁶ realizou no Rio de Janeiro uma consulta sobre “Serviço e Ação Social Cristã na América Latina”, publicando a “Declaração do Corcovado” onde afirmava a necessidade de se criar um organismo latino-americano de cooperação evangélica (PLOU, p. 111). Isso deu origem à Unidade Evangélica Latino-Americana (UNELAM), criada de forma provisória em 1964 e definitivamente no encontro de organizações ecumênicas protestantes realizado em Campinas em 1965.

Uma significativa contribuição das CELA para o diálogo entre as Igrejas vem da sua perspectiva social, influenciando no perfil do movimento ecumênico dos anos 60 do século XX. A II CELA permaneceu numa linguagem ainda desenvolvimentista da análise da temática social. Mas as demais, como a III CELA (Buenos Aires, 1969), empregaram “uma linguagem socioanalítica mais precisa e comprometedora. De fato, os documentos revelam um enfoque mais claro e uma percepção mais profunda da realidade latino-americana⁷”. Não se pode deixar de observar aqui a sintonia com a nascente “Teologia da Libertação” pelos trabalhos de teólogos como Rubem Alves e Gustavo Gutiérrez. Temos, assim, um pensamento teológico que sustenta a abertura das Igrejas tanto para a sociedade quanto para o movimento ecumênico. É compreendendo a dimensão social comum da fé cristã que as Igrejas fortalecem as possibilidades de colaboração entre elas.

3 A renovação do catolicismo latino-americano

É nesse tempo que a Igreja católica na América Latina se articula em âmbito continental pelo Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM) fundado em 1955. A partir de então vai ocorrer uma espécie de “renascimento”⁸ do catolicismo na América Latina, impulsionado pelas

⁶ O ISAL, criado na consulta ecumênica de Huampaní, em 1961, surgiu da ala jovem do movimento ecumênico latino americano, a União Latino Americana de Juventude Evangélica (ULAJE), e como resultado de um estudo feito pelo CMI em 1954, sobre “A responsabilidade da Igreja frente às constantes mudanças sociais”. PLOU, D. S. *Caminhos de Unidade: Itinerário do diálogo ecumênico na América Latina*. Quito: CLAI; São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 126.

⁷ BORRAT, H. Hacia un protestantismo latinoamericano. *Cuadernos de MARCHA*, n. 29. Montevideu, Set. 1996.

⁸ Esse renascimento aconteceu, sobretudo, no que se refere à busca de estratégias comuns para a evangelização do continente. A partir de então, os bispos poderão contar



encíclicas papais *Mater et Magistra* (1961), *Pacem in Terris* (1963) e *Populorum Progressio* (1967), que impulsionam o diálogo com a sociedade. Essa consciência impele a uma recepção criativa e contextualizada do ensino conciliar na América Latina, impulsionando o *aggiornamento* eclesial proposto pelos padres conciliares. Sobressaiu-se o compromisso social que gerou nova hermenêutica da fé vinculando-a estreitamente com a práxis libertadora. O novo pensar teológico que emerge e sustenta esse fato deixou a Conferência de Medellín conhecida como a “Conferência da Teologia da Libertação”, que ao influenciar na opção preferencial de Puebla (1979) a tornou conhecida como a “Conferência dos Pobres”.

Medellín é considerado o acontecimento mais importante na Igreja católica latino-americana do século XX, que teve como centro de atenção o ser humano, e não a Igreja enquanto tal⁹. É a pessoa empobrecida que está em foco. Em sua conferência na abertura da assembleia dos bispos o papa Paulo VI enfatizava a importância da “lucidez e valentia do Espírito para promover a justiça social, para amar e defender os pobres”¹⁰. Para Dom Pironio, “biblicamente, o anúncio da Boa Nova vai aos pobres unido à proclamação da libertação dos oprimidos”¹¹. Para Dom Helder Câmara esta opção é a própria condição da Igreja, o seu modo de ser: “Se os pobres chegam a ser nossa opção prioritária, teremos que dar nosso adeus, se ainda não o fizemos, a certo estilo de vida que recorda o triunfalismo de ontem. Os pobres poderão nos converter”¹². Não obstante as controvérsias surgidas desse posicionamento de Medellín e de Puebla¹³, desde então a Igreja Católica latino-americana tem

com um instrumento de unidade na reflexão e na ação, visando melhor conhecer a realidade continental, e encontrar as vias adequadas para aplicar as orientações da Igreja universal na realidade latino-americana. É importante observar a determinante atuação de Dom Helder Câmara para a criação do CELAM, tal como o fora para a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em 1952. QUEIROGA, C., F. G. *CNBB: Comunhão e Responsabilidade*. São Paulo: Paulinas, 1977.

- ⁹ PREMAZZI, Javier. *Reflexiones Sobre el Ecumenismo en America Latina*, p. 174.
- ¹⁰ Citado em Javier PREMAZZI, *Reflexiones Sobre el Ecumenismo en America Latina*, p. 174.
- ¹¹ DUSSEL, Enrique. *Historia de la Iglesia en América Latina*. 3. ed. Barcelona: Nova Terra, 1974. p. 158.
- ¹² DUSSEL, Enrique. *Historia de la Iglesia en América Latina*, p. 161.
- ¹³ Para o chileno Luis Maira, três forças se combatiam em torno a Medellín: os setores conservadores e integristas que simplesmente não queriam mudança tanto na Igreja quanto na sociedade, o desencanto dos setores reformistas, que visavam mudanças acreditando num desenvolvimento com alianças aos grandes representantes do capitalismo mundial, os setores populares, que no aspecto social buscaram o desenvolvimento social livre de conchavos com setores do capitalismo internacional, e no



continuado seu intento de integrar-se na sociedade de forma solidária com as suas vicissitudes, inquietações, anseios e esperanças, conforme orienta o documento *Gaudium et Spes*, do Vaticano II.

4 Sintonias com o movimento ecumênico latino-americano

O processo de mudanças internas ao catolicismo, tanto no horizonte teológico quanto no pastoral está na origem da aproximação da Igreja católica latino-americana com o movimento ecumênico. Renovando o seu pensamento teológico, sua organização estrutural e a sua prática pastoral, a Igreja católica abre-se à sociedade e toma consciência de que a presença das outras Igrejas no mesmo espaço exige a aproximação, o diálogo e a cooperação. As opções de Medellín vinculam as preocupações sociais e a esperança cristã do episcopado católico com aquelas do movimento ecumênico do continente. A II Consulta de *Igreja e Sociedade*, em El Tablo, Chile (1966), mostrou a preocupação das Igrejas evangélicas com as questões sociais dos povos latino-americanos¹⁴ e o mesmo foi afirmado na CELA III (Buenos Aires, 1969), quando a mensagem destaca que

*Devemos à América Latina um ministério integral ... uma identificação com as dores e as esperanças do homem latino-americano que expresse a própria identificação de Jesus Cristo com seu povo em seu peregrinar até a cruz ... o Espírito Santo ... lembra-nos que nossa dívida é com o mundo ao qual devemos a proclamação da Palavra e a participação na criação de uma sociedade justa*¹⁵.

eclesial reclamavam por uma Igreja mais próxima de suas aspirações. In: DUSSEL, Enrique. *De Medellín a Puebla*. Centro de Estudios Ecuménicos. México: Edicol, 1979. Inúmeros acontecimentos ocorridos entre Medellín e Puebla confirmavam a direção tomada pela Igreja Católica na América Latina, enfraquecendo as posições anti-Medellín. Estes acontecimentos fizeram com que a Conferência de Medellín não fosse apenas um fato da Igreja Católica latino-americana, mas um momento da Igreja universal. Exemplo disso são os posicionamentos europeus (a favor, está o *memorandum* de Rahner, Metz, Moltmann, Vicent Cosmao e outros teólogos, sobre a Teologia da Libertação – ver lista na obra de Dusel, pg. 158; e contra está o grupo alemão *Kirche und Befreiung*). Puebla foi uma continuidade de Medellín, confirmando o espírito de uma Igreja que se projetava em termos mundiais como renovação e comprometida com o serviço de evangelização segundo as necessidades dos povos latino-americanos.

¹⁴ Cf., SANTA ANA, J. de. A relação da teologia no Brasil com a teologia na América espanhola. In: MATEUS, Odair Pedroso (Ed.). *Teologia no Brasil: Teoria e prática*. São Paulo: ASTE, 1985. p. 173-188.

¹⁵ PLOU, S. D. *Caminhos de Unidade*, p. 109.



Nos anos 70, a União Latino Americana de Juventudes Ecumênicas afirmava “a opção por uma teologia que considerasse a libertação sociopolítica dos povos do nosso continente como inseparável da redenção total que Cristo oferece”¹⁶. Na esteira de tais eventos, as atitudes de diálogo, companheirismo e cooperação passam a ser características fortes na reflexão da fé e na ação pastoral das Igrejas integradas no movimento ecumênico. A fé cristã é refletida e vivida em sintonia com movimentos ecumênicos de libertação social, o que estreita a relação das Igrejas com a sociedade, facilitando entre elas o diálogo e a ação comum. Tal ecumenicidade ganha impulso pela nova atmosfera teológica das Igrejas, com a renovação da leitura bíblica, da liturgia, e da ação missionária que abre espaços para o laicato, os movimentos jovens, as mulheres. Com isso a ação ecumênica expressa a criatividade e a ousadia de uma postura eclesial que tenta abrir novos caminhos, inserindo a vivência cristã no horizonte da *oikoumene*.

Nos meios católicos isso foi possível pela assunção das convicções ecumênicas do Vaticano II e a aproximação do movimento ecumênico local. O Vaticano II emite um olhar positivo para o mundo plural, que já não tem mais uma só religião como determinante, e mesmo o cristianismo enquanto tal não será bem compreendido se for negada a pluralidade das suas manifestações. Tal fato influenciou para que os bispos católicos desenvolvessem um reconhecimento realista da situação do cristianismo no continente, admitindo a contribuição do testemunho protestante do Evangelho. Assim, eles entendem que as respostas aos desafios socior-religiosos dos povos latino-americanos devem acontecer num esforço conjunto das várias confissões cristãs que os sentem.

Essa sintonia possibilitou aos evangélicos o reconhecimento dos ventos de renovação no catolicismo latino-americano pós-Vaticano II, e que nem sempre os evangélicos haviam atuado com espírito de amor em relação a ele¹⁷. Evangélicos ecumênicos apreciam na Igreja católica a nova atitude em relação às outras Igrejas, o interesse pelas Escrituras, o redimensionamento teológico e a reorganização estrutural que a deixaram mais flexível, dialógica e cooperativa, o compromisso social. O

¹⁶ MÍGUEZ BONINO, Nestor. De Rosario a Oaxtepec: los movimientos ecuménicos y la búsqueda de la unidad Cristiana en América Latina. In: *Consejo Latinoamericano de Iglesias* (em formação). Oaxtepec, 1978. p. 35-44.

¹⁷ COSTAS, O. E. Uma nueva conciencia protestante. In: KESSLER, J.; NELSON, Wilton M. *Lectura Teológica de América Latina*. Seminário Bíblico Latino Americano, Costa Rica, nov. 1979, p. 54.



metodista uruguaio Emílio Castro definiu esse momento do movimento ecumênico como “ecumenismo aberto”, uma vez que não olhava apenas a comunidade protestante, mas, pelo influxo dos novos tempos, sobretudo o Concílio Vaticano II, incluía também a Igreja católica¹⁸.

5 A orientação ecumênica nas Conclusões de Medellín

5.1 O Documento de preparação

O objetivo principal da Conferência de Medellín era avaliar a situação da Igreja Católica no continente, à luz do Concílio Vaticano II, buscando entender o processo de transformação social, cultural e eclesial que acontecia naquele momento. Não se planejava abordar de forma específica a questão ecumênica, a problemática sociopastoral da região absorvia as preocupações na preparação da Conferência. Um encontro de especialistas, em Bogotá, nos dias 19 a 26/01/1968, preparou um documento de trabalho da Conferência, tratando dos temas “Promoção humana”, “A vida da Igreja como instituição na América Latina” e “As tarefas evangelizadoras da Igreja na América Latina”¹⁹. Diferentes áreas de estudos anteciparam o que seriam as 16 Comissões de trabalho da Conferência.

Tratando da situação da fé e da religiosidade no continente, esses estudos destacavam a unidade no âmbito da fé e a diversidade sociocultural. E então, nesse contexto entrou o tema do ecumenismo, mas não desenvolvido em forma de promoção do diálogo entre as Igrejas. O que se fez foi uma classificação dos diversos grupos religiosos existentes: cristãos católicos, cristãos não católicos, não cristãos e os não crentes. Os cristãos não católicos foram divididos: “Em primeiro lugar, as Igrejas e comunidades imigrantes, vinculadas a grupos estrangeiros... logo, as missões de origem estrangeira dirigidas especificamente aos latino-americanos ... e, em terceiro lugar, as Igrejas e comunidades autóctones”²⁰.

¹⁸ Cf. BONINO MÍGUEZ, N. *Visión del cambio social y las tareas desde las iglesias no católicas*. Fe Cristiana y Cambio Social en América Latina. Salamanca: Sígueme, 1974. PREMAZZI, Javier. *Reflexiones Sobre el Ecumenismo en America Latina*, p. 78.

¹⁹ Os temas foram assessorados, respectivamente, por Renado Poblete (Chile), Raimundo Caramuru (Brasil) e Gustavo Gutiérrez (Peru).

²⁰ Arquivos da Segunda Conferência, 1968. Documento Base Preliminar para a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Vol. I: 94-95. In: *Ibid*, 204.



Tal classificação foi mais histórica do que doutrinal e pastoral, num esforço por encontrar uma tipologia adequada para compreender o pluralismo religioso da região. No Documento de Base aparece uma primeira distinção dos “movimentos não católicos”. Esse Documento chama de “seitas” os diversos grupos que “se caracterizam por apresentar uma mensagem desencarnada e alheia a todo compromisso social”, o que afetava tanto a Igreja Católica quanto as Igrejas protestantes, “antecipando a possibilidade de enfrentar tal desafio desde uma perspectiva ecumênica”²¹.

O Documento de Base foi enviado para todas as conferências episcopais do continente e para diversos organismos eclesiais, para análise e envio de sugestões. Nas repostas, apenas a conferência episcopal da Venezuela referiu-se ao tema do ecumenismo, entendendo que “A análise dos não católicos é superficial. Não encara os problemas reais do ecumenismo na América Latina, e injustamente lança toda a culpa à Igreja Católica”²².

Esta análise era, na verdade, uma crítica à atitude defensiva que se observava no Documento de Base e em algumas realidades eclesiais, o que não favorecia a tarefa ecumênica. De fato,

*As diversas formas, inclusive agressivas, através das quais se faziam presente algumas confissões protestantes, levava a muitos bispos a não favorecer o trabalho ecumênico em suas Igrejas particulares numa época em que o protestantismo, especialmente de procedência norte-americana, desenvolvia uma difusão sistemática e global no continente*²³.

5.2 As Conclusões

O fato de o ecumenismo não ter sido um tema presente na preparação da Conferência de Medellín, não significou desinteresse pelo tema durante a realização da mesma. Três fatores foram determinantes para isso: 1) o esforço por coerência na recepção do Vaticano II não permitia ignorar a sua orientação ecumênica; 2) um olhar realista para a socie-

²¹ Documento Base Preliminar para a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, p. 204.

²² Arquivos da Segunda Conferência, 1968. Observações ao Documento de Base. Vol. I: 339. Ibid, p. 205.

²³ Arquivos da Segunda Conferência, 1968, p. 215.



dade latino-americana exigia reconhecer a necessidade da cooperação ecumênica frente aos desafios sociais e da evangelização; 3) a opção por convidar observadores das Igrejas e organizações ecumênicas, e o papel ativo que eles realizaram nas comissões e sub-comissões de trabalho. As *Conclusões* de Medellín não dedicam uma seção específica ao ecumenismo, mas ele foi inserido no conjunto e na dinâmica de todo o documento. Assim, tanto o evento quanto o documento final de Medellín tem um espírito e conteúdo em perspectiva ecumênica.

5.3 Medellín como um fato ecumênico

Mais do que em pronunciamentos e em textos específicos, o ecumenismo marcou a Conferência de Medellín como um todo, tornando-se o espírito que animou a realização do evento. Destacamos:

1) A questão social como o eixo articulador das discussões, priorizando o tema da libertação na configuração do horizonte teológico e da práxis evangelizadora. Como visto, esse tema favorece o diálogo com as Igrejas protestantes e assim Medellín promove um ecumenismo social, o que particularmente as comunidades populares acataram como “ecumenismo de base”²⁴. Essa práxis ecumênica é sustentada teologicamente por um esforço comum de teólogos e teólogas de diferentes Igrejas, que desenvolvem o pensar da fé em perspectiva ecumênica libertadora. No âmbito do Conselho Mundial de Igrejas, esse pensamento e ação se refletiram, entre os anos 1968 a 1980, no comitê sobre Sociedade, Desenvolvimento e Paz (SODEPAX), que funcionou como agência ecumênica, sob a responsabilidade da Comissão Pontifícia sobre Justiça e Paz, criada em 1967, e o CMI, a partir das Igrejas para a Participação no Desenvolvimento (CIPD)²⁵.

2) O *intercâmbio ecumênico* possibilitado pelo convívio dos bispos católicos com os observadores representantes de diferentes Igrejas e organizações ecumênicas (como a União Evangélica Latino-Americana

²⁴ E isso vai influenciar no movimento ecumênico futuro na região, como se verificou na reunião de Oaxtepec, em 1978. Na ocasião, o Bispo católico da diocese de Cuernavaca (em cujo território se realizou o encontro), louvou o evento afirmando “o reconhecimento de um ecumenismo que não passa pelas estruturas, mas sim pelo compromisso com os pobres e oprimidos”. Citado por PREMAZZI, Javier. *Reflexiones Sobre el Ecumenismo en America Latina*, p. 183.

²⁵ PLOU, S. D. *Caminhos de Unidade*, p. 157.



e as Sociedades Bíblicas)²⁶. No contexto da Conferência de Medellín, a mudança de perspectiva e da linguagem de todas as Igrejas, mais positiva nas mútuas apreciações, superou animosidades históricas e criou um clima de intercâmbio fecundo. O convite aos observadores o afirma:

A Presidência do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) ... está convencida de que um ato de semelhante transcendência para a presença cristã na América Latina não pode ser levada a cabo sem a presença e a colaboração das Igrejas e comunidades cristãs que cooperam na evangelização em nosso continente²⁷.

Inicialmente, a participação dos observadores era prevista apenas para assistir às plenárias. Mas os bispos católicos logo perceberam como seria positiva uma contribuição efetiva deles nas discussões dos vários temas tratados na Conferência, intervindo nos trabalhos das comissões e subcomissões, bem como no documento final²⁸. O fato de não terem uma presença meramente passiva em meio aos bispos católicos foi reconhecido como um gesto de real irmandade ecumênica:

Sentimos o espírito de irmandade sensível e autêntica que nos permitiu a participação livre no processo da Conferência e que nos convidou a uma identificação pessoal com as deliberações da mesma. Para nós, esta aproximação pessoal é sinal de um crescimento mútuo em uma só fé em Jesus Cristo e como tal expressão da obra do Espírito santo entre nós²⁹.

3) *Hospitalidade eucarística*: a iniciativa foi tomada por cinco dos observadores, que escreveram à Presidência da Conferência solicitando a recepção da eucaristia: “No momento em que se aproxima o encerramento da Conferência, desejaríamos que nos fosse dada, a título de exceção, a possibilidade de comungar, ao menos uma vez, com todos

²⁶ Participaram: o Arquimandrita Paul de Ballester, da Igreja Ortodoxa Grega de “Santa Sofia” (México); o Pastor Dana Green e o Dr. Kurtis Friend, do Conselho Nacional de Igrejas, de EUA; David Reed T, bispo Episcopal da Colômbia; Dr. Manfred K. Bachmann, da Federação Luterana Mundial; Irmão Giscard, da Comunidade de Taizé.

²⁷ Citado por VIERA, Juan Carlos Urrea (Org.). *El Fenómeno de las Sectas: Análisis a partir del Magistero Latinoamericano*. Bogotá: Lito Perla, 1988. p. 206.

²⁸ BONINO MÍGUEZ, N. Medellín y el ecumenismo. In: *Teología*, Faculdade de Teologia da Universidade Católica Argentina, tomo VII, n. 15-16, maio-dezembro, 1969.

²⁹ Carta dos observadores não-católicos em Medellín. Citado por VIERA, Juan Carlos Urrea (Org.). *El Fenómeno de las Sectas: Análisis a partir del Magistero Latinoamericano*, p. 207.



nossos irmãos cristãos aqui reunidos”³⁰. Foi-lhes facultada a comunhão eucarística na missa celebrada no Seminário Maior de Medellín, no dia 05 de setembro, um dia antes do encerramento da Conferência. Não obstante as discussões causadas em torno desse acontecimento³¹, ele foi a expressão mais significativa de quão grande era o entusiasmo ecumênico vivido entre os bispos e os observadores. Para alguns, tal fato “marcou o reconhecimento oficial da hierarquia católica da presença de outros credos cristãos no continente”³².

5.4 O ensino das Conclusões

O ecumenismo nas *Conclusões* de Medellín é tratado de forma mais qualitativa do que quantitativa. Quantitativamente, existem apenas sete referências específicas ao tema³³. Isso se explica por duas principais razões: primeiro, porque a preocupação social era mais presente nas discussões pastorais. A questão “ecumênica não era tão grande neste continente de grandes problemas sociais”³⁴; segundo, porque até então a Igreja católica do continente não tem ainda real experiência ecumênica, está apenas dando os primeiros passos nessa direção.

Qualitativamente, porém, as marcas do ecumenismo nas *Conclusões* de Medellín são significativas, mostrando que o empenho pela unidade cristã não é uma tarefa sobreposta à pastoral, mas uma “dimensão ecumênica de todos os temas”, uma “inspiração fundamental que deve animá-las todas”³⁵. As *Conclusões* orientam para o respeito, o diálogo e a busca de cooperação entre as Igrejas, comportamento esse inserido em um contexto social comum.

Os bispos católicos da América Latina procuram ler os “sinais dos tempos” que desafiam a evangelização no continente. E sabem que essa responsabilidade é grande demais para ser realizada isoladamente.

³⁰ Citado por VIERA, Juan Carlos Urrea (Org.). *El Fenómeno de las Sectas*, p. 207.

³¹ Ver a problemática desse gesto em COSTAS, Orlando. *Theology of the crossroads*, seção “Religious Crossroads”. Amsterdam: Rodopi, 1976. p. 69.

³² PLOU, D. S. *Caminhos de Unidade*, p. 164.

³³ Ao tratar da Paz, ns. 26 e 30; da Família, n. 20; da Educação, n. 19; da Juventude, n. 19; da Catequese, no. 11; da Liturgia, n. 14.

³⁴ SAMPEDRO, F. *Manual de Ecumenismo: Iglesias cristianas y Pastoral Ecumênica*. Santiago: Paulinas, 1988. p. 211-212.

³⁵ MEJÍA, J. *El compromiso ecumênico de la Iglesia de América Latina en los Documentos de Medellín*, p. 245.



Então se propõe a “Convidar também as diversas confissões, comunidades cristãs e não cristãs a colaborar nesta fundamental tarefa do nosso tempo” (Capítulo sobre a Paz, n. 26). Afirmam: “Quiséramos oferecer a colaboração dos cristãos, obrigados por suas responsabilidades batismais e pela gravidade do momento. De todos nós depende tornar conhecida a força do Evangelho, que é poder de Deus”³⁶.

O princípio da cooperação ecumênica é assumido como fundamental para a evangelização na América Latina. A Igreja Católica no continente está disposta a

*colaborar com outras confissões cristãs, e com todos os homens de boa vontade que estão empenhados em uma paz autêntica, firmada na justiça e no amor ... De maneira particular nos dirigimos a todas as Igrejas e comunidades cristãs que participam conosco de uma mesma fé em Jesus Cristo. Durante esta Conferência, irmãos nossos dessas confissões cristãs estiveram participando de nossos trabalhos e esperanças. Junto com eles seremos testemunhas deste espírito de colaboração*³⁷.

As *Conclusões* mostram que essa cooperação desenvolve um ecumenismo com forte dimensão social. Incentiva para que juntos, os bispos, as “diversas confissões religiosas”, e os “homens de boa vontade ... promovam em suas respectivas esferas de influência, especialmente entre os dirigentes políticos e econômicos, uma consciência de maior solidariedade frente a nossas nações subdesenvolvidas, fazendo reconhecer entre outras coisas, preços justos a nossas matérias primas” (Capítulo sobre a Paz, n. 30).

É importante observar que, no convite, os termos “confissões cristãs” ou “religiosas” têm preferência em relação a “protestantismo” ou “seitas”. A linguagem positiva ao referir-se às diferentes comunidades cristãs no continente expressa o desejo de valorizá-las em sua identidade e presença na região, reconhecendo a contribuição dessas para a promoção da justiça e da paz social. Isso é claro nas *Conclusões* de Medellín, como uma das linhas pastorais importantes:

Aos bispos em Medellín não interessava tanto definir o que é uma seita, propor uma tipologia, fazer uma análise doutrinal dos movimentos

³⁶ CELAM. Mensagem aos povos da América Latina. In: *Conclusões da Conferência de Medellín, 1968*. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 29.

³⁷ CELAM. *Mensagem aos povos da América Latina*, p. 33.



sectários ou entrar num debate teológico com tais grupos. O que lhes interessava era impulsionar o ecumenismo com os movimentos cristãos não católicos, a partir de uma nova relação com os “irmãos separados”, buscando linhas concretas para um trabalho conjunto com claro acento social³⁸.

A mudança de linguagem e a urgência em implementar um ecumenismo prático nos diversos âmbitos da vida social, eclesial e pastoral, levou os bispos a explicitarem alguns ambientes ou meios onde o ecumenismo pode ser especialmente favorecido. Temos:

1) *A família*, sobretudo as empobrecidas e marginalizadas, precisam de um acompanhamento em uma perspectiva ecumênica. O trabalho da Igreja com as famílias católicas deve

Levar todas as famílias a uma generosa abertura para com as outras famílias, inclusive de confissões cristãs diferentes; e, sobretudo, as famílias marginais ou em processo de desintegração; abertura para a sociedade, para o mundo e para a vida da Igreja (Família e Demografia, n. 20).

2) *A educação*: “A escola católica deverá estar aberta ao diálogo ecumênico” (Educação, n. 19), como um ambiente privilegiado para formar convicções sobre o respeito, o diálogo e a convivência entre os diferentes modos de ser cristão.

3) *A juventude*: Medellín orienta “Que se incentivem as iniciativas de caráter ecumênico entre os grupos e organizações de juventude, segundo as orientações da Igreja” (Juventude, n. 19).

4) *A catequese*: outro espaço onde se deve possibilitar a formação ecumênica. Trata-se de desenvolver uma renovação da catequese, tanto na formação da própria identidade cristã e eclesial, quanto na visão das outras Igrejas e dos outros cristãos. Essa mentalidade ecumênica prioriza o amor e a unidade: “Se deve fazer ressaltar o aspecto totalmente positivo do ensinamento catequético com seu conteúdo de amor. Assim se fomentará um *são* ecumenismo, evitando toda polêmica e se criará um ambiente propício à justiça e à paz” (Catequese, n. 11).

5) *Celebrações ecumênicas da Palavra*: as *Conclusões* de Medellín dão especial atenção ao ecumenismo espiritual, incentivando as celebrações ecumênicas que têm a Palavra em seu centro:

³⁸ VIERA, Juan Carlos Urrea (Org.). *El Fenómeno de las Sectas*, p. 209.



Fomentem-se as sagradas celebrações da Palavra, observando sua relação com os sacramentos nas quais ela alcança sua máxima eficácia, e particularmente com a Eucaristia. Promovam-se as celebrações ecumênicas da Palavra, conforme o Decreto sobre o Ecumenismo n. 8 e segundo as normas do Diretório, números 33-35 (Liturgia, n. 14).

Neste contexto, Medellín fala da *communicatio in sacris*, retomando as orientações de *Unitatis Redintegratio* e do Diretório Ecumênico. Este incentivo das celebrações ecumênicas mostra que para Medellín não basta o ecumenismo social ou pastoral. Estes se fortalecem e ganham sua maior expressão na reunião para a oração comum, quando os cristãos pedem perdão pelas divisões e se dispõem a ouvirem e meditarem juntos a Palavra que os convoca à unidade em Cristo.

Assim, são claras as dimensões do ecumenismo em Medellín: social, pastoral e espiritual. Faltam referências teológicas sobre o ecumenismo nas *Conclusões*. Mas os bispos o fazem conscientemente, privilegiando o apelo à cooperação ecumênica em termos práticos. Para fundamentar teologicamente a prática ecumênica, eles remetem às orientações doutrinárias do concílio Vaticano II, sobretudo o Decreto sobre o Ecumenismo.

Concluindo

Embora o ecumenismo não tenha recebido nenhum destaque na Conferência de Medellín, ele configurou o clima da Conferência, pela presença e atuação dos observadores, o horizonte das reflexões sobre os temas debatidos, e a postura de abertura católica à cooperação ecumênica com as Igrejas presentes no continente. Isso, somado às citações explícitas nas *Conclusões*, mesmo sóbrias, mostram que o ecumenismo foi contemplado de forma positiva pela II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano.

Considerando a complexidade das relações entre católicos e evangélicos até a realização do Vaticano II, Medellín foi o ponto de partida para a inserção do ecumenismo, sobretudo na ação pastoral e na espiritualidade da Igreja Católica na América Latina. Esse fato se situa no esforço de recepção do Vaticano II no continente, orientando os cristãos católicos em duas principais direções: a) na abertura às questões sociais, aprofundando a compreensão dos desafios que estas apresentam para a evangelização; b) abertura ao movimento ecumênico,



como um modo de promover a cooperação entre as Igrejas na busca de respostas aos desafios da missão e à necessidade de testemunhar o Evangelho na realidade social. Mas a prática ecumênica não se deve apenas ao reconhecimento de que os desafios para a vivência do Evangelho exige a cooperação das Igrejas. É, antes, expressão da convicção conciliar e evangélica de que o seguimento de Jesus impele ao testemunho da unidade dos discípulos (Jo 17,24).

A partir de então, o diálogo com a sociedade, a contextualização da reflexão teológica e a opção pelos pobres marcarão o caminhar ecumênico das Igrejas na América Latina. A busca pela unidade cristã no continente expressa a opção por Jesus Cristo e pelo seu Reino, num movimento centrípeto que transcende os limites do catolicismo, abrangendo as forças das Igrejas e da sociedade que possibilitam a credibilidade do Evangelho. Assim, a unidade cristã está em função do Reino. E nele os pobres têm um lugar privilegiado (Bem aventuranças...). Desse modo, o seguimento de Cristo e o ecumenismo estão profeticamente vinculados também com todas as forças que se comprometem com a promoção da vida no continente.

Fica claro nas *Conclusões* de Medellín que só a cooperação ecumênica é possível entre as Igrejas que promovem transformações sociais libertadoras, entendidas como tarefas prioritárias das Igrejas. Medellín ajuda a perceber que “a missão da Igreja na busca da justiça e da paz é uma questão ecumênica, e as perguntas que se apresentam a partir delas também são ecumênicas e exigem um esforço comum”³⁹. Segundo Nestor Míguez Bonino esse fato é uma importante expressão da natureza ecumênica da Conferência: “Somos convidados – conscientes ou não – a entrar na consideração, não primordialmente de nossas relações, mas de nossa missão. E isso é ecumenismo”⁴⁰. As Igrejas compreendem que não estão sozinhas, e precisam formar-se como uma “comunidade visível”, onde “todos os homens podem participar fraternalmente da comum dignidade dos filhos de Deus, e todos (podem/devem) também compartilhar a responsabilidade e o trabalho para realizar a missão comum de dar testemunho do Deus que os salvou e os fez irmãos em Cristo” (Pastoral de Conjunto, n. 6).

³⁹ PLOU, D. S. *Caminhos de Unidade*, p. 146.

⁴⁰ MÍGUEZ BONINO, N. Medellín y el ecumenismo. *Teología*. Facultad de Teología de la Universidade Católica Argentina, tomo VII, n. 15-16, maio/dezembro 1969.



Assim, é construído um novo perfil da Igreja no diálogo com todas as pessoas cristãs e as “de boa vontade”.

Os anos que se seguiram à Conferência de Medellín foram profícuos no empenho ecumênico da Igreja Católica na América Latina. No Chile, em 1970, a pedido do governo e com o apoio do Cardeal Silva Henríquez, modificações foram feitas no tradicional *Te Deum*, a fim de transformá-lo em uma cerimônia para todas as Igrejas cristãs. Durante os primeiros anos do regime de Pinochet, várias Igrejas criaram a Comissão para a Paz, que se tornou o Vicariato da Solidariedade, em 1975; no Caribe, em 1973, houve o ingresso da Igreja Católica na Conferência Cristã do Caribe, em 13/11/1973; no Brasil, em 1975, iniciaram-se Encontros de Dirigentes das Igrejas Cristãs, que levaram à formação do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil, em 1982. Em tempos de forte ditadura militar na maioria dos países do continente e de aguda pobreza econômica de seus povos, essas organizações ecumênicas têm sido um espaço importante para posicionamentos proféticos das Igrejas.

Há quem considere que, a partir de então, em muitos países do continente o avanço do ecumenismo depende da “evolução que ocorrer na Igreja Católica”⁴¹. Evolução que deve acontecer no sentido de abertura às outras Igrejas, não sentindo-se a Igreja Católica a única responsável pelo cristianismo no continente, como expressou João Paulo II no Brasil: “Deles (episcopado católico) depende muito o futuro cristão do Brasil. Mas o entrego também aos Irmãos líderes das Igrejas de outras confissões cristãs, recomendando-o também a todos vós, irmãos e irmãs no mesmo Evangelho de Cristo”⁴².

Referências

BORRAT, H. Hacia un protestantismo latinoamericano. *Cuadernos de MARCHA*, n. 29. Montevideu, set. 1996.

CELAM. Mensagem aos povos da América Latina. In: *Conclusões da Conferência de Medellín, 1968*. São Paulo: Paulinas, 1999.

⁴¹ TIEL, G. *Ecumenismo na Perspectiva do Reino de Deus: Uma análise do movimento ecumênico de base*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 1998, p. 72.

⁴² TIEL, G. *Ecumenismo na Perspectiva do Reino de Deus*, p. 73.



COSTAS, O. E. Uma nueva conciencia protestante. In: KESSLER, J.; NELSON, Wilton M. *Lectura Teológica de América Latina*, Seminário Bíblico Latino-Americano, Costa Rica, nov. 1979.

COSTAS, Orlando. *Theology of the crossroads*. Amsterdam: Rodopi, 1976.

DUSSEL, Enrique. *Historia de la Iglesia en América Latina*. 3. ed. Barcelona: Nova Terra, 1974.

FÉ E CONSTITUIÇÃO, “IV Conferência Mundial. Relatório”. In: *Enchiridion Oecumenicum*, vol. 6. Bolonha: EDB, 2005, p. 915-982.

MATEUS, Odair Pedroso (Ed.). *Teologia no Brasil: Teoria e prática*. São Paulo: ASTE, 1985.

MÍGUEZ BONINO, José. Análisis de las relaciones del protestantismo con el catolicismo romano hasta 1960. Ensaio em honra ao Dr. Wilton M. Nelson. In: *Lectura Teológica de América Latina*, Seminário Bíblico latino Americano, Costa Rica, nov. 1979.

MÍGUEZ BONINO, Nestor. *Visión del cambio social y las tareas desde las iglesias no católicas. Fe Cristiana y Cambio Social en América Latina*. Salamanca: Sígueme, 1974.

MÍGUEZ BONINO, Nestor. Medellín y el ecumenismo. *Teología*, Facultad de Teología de la Universidad Católica Argentina, tomo VII, n. 15-16, mai./dez. 1969.

MÍGUEZ BONINO, Nestor. De Rosario a Oaxtepec: los movimientos ecuménicos y la búsqueda de la unidad Cristiana en América Latina. In: *Consejo Latinoamericano de Iglesias* (em formação). Oaxtepec, 1978.

MEJÍA, Jorge. El compromiso ecuménico de la Iglesia de América Latina en los documentos de Medellín. In: SECRETARIADO GENERAL DEL CELAM, *Medellín – Reflexiones en el CELAM*. Madrid: BAC, 1977.

PIO XI. *Mortalium animos*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19280106_mortalium-animos.html>. Acesso em: 25 mai. 2018.

PLOU, D. S. *Caminhos de Unidade: Itinerário do diálogo ecumênico na América Latina*. Quito: CLAI; São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 126.

PREMAZZI, Javier. *Reflexiones Sobre el Ecumenismo en America Latina*. Genebra: CMI, 1982.



QUEIROGA, C., F. G. *CNBB – Comunhão e Responsabilidade*. São Paulo: Paulinas, 1977.

SAMPEDRO, F. *Manual de Ecumenismo. Iglesias cristianas y Pastoral Ecumênica*. Santiago: Paulinas, 1988.

SANTA ANA, J. de. A relação da teologia no Brasil com a teologia na América espanhola. In: TIEL, G. *Ecumenismo na Perspectiva do Reino de Deus: Uma análise do movimento ecumênico de base*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 1998.

VIERA, Juan Carlos Urrea (Org.). *El Fenómeno de las Sectas. Análisis a partir del Magistero Latinoamericano*. Bogotá: Lito Perla, 1988. p. 206.